

MODELOS EXPLICATIVOS DA AGRESSÃO: REVISÃO TEÓRICA

Maria da Conceição Osório Ribeiro

Mestre em Psicologia - UFP

conceicaoosorio@gmail.com

Ana Isabel Sani

Professora Auxiliar

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UFP

anasani@ufp.edu.pt

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO: RIBEIRO, Maria da Conceição Osório ; SANI, Ana Isabel - Modelos explicativos da agressão : revisão teórica. **Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.** Porto : Edições Universidade Fernando Pessoa. ISSN 1646-0502. 6 (2009) 96-104.

RESUMO

Diversas têm sido as tentativas de explicação da agressão nos seres humanos. Neste artigo pretende-se destacar algumas das perspectivas teóricas mais relevantes, agrupadas segundo a interpretação que adoptam do agente causador (Berkowitz, 1993). Estas posições teóricas tentaram trazer compreensão sobre as causas prováveis da agressividade, para permitirem explicar, prever e, potencialmente, modificar o comportamento agressivo.

PALAVRAS-CHAVE

Agressão humana, Teorias

ABSTRACT

There have been several attempts of explanation of the aggression in the human beings. In this article it is intended to detach some of the most significant theoretical perspectives, grouped according to interpretation that they present of the causing agent (Berkowitz, 1993). These theoretical positions try to bring knowledge about the probable causes of the aggressiveness, in order to explain, to foresee and, potentially, to modify the aggressive behavior.

KEYWORDS

Human aggression, Theories

INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentamos alguns aspectos conceptuais sobre a agressão. Tendo presente que o estudo do comportamento agressivo tem sido abordado a partir de quadros conceptuais muito diversos e de perspectivas distintas que vão desde o contexto social até posições estritamente biológicas, abordamos as diferentes teorias (umas situadas no pólo do ambiente, outras no do sujeito e outras, ainda, na interacção entre ambas) sem nos circunscrevermos a nenhuma delas, já que o fenómeno é tão complexo que optar por uma equivaleria a ficarmos sem conhecer, realmente, o alcance do mesmo.

1. TEORIAS BIOLÓGICAS E INATISTAS

O estudo da violência de uma perspectiva inatista e biológica vem de há vários séculos. Para os seguidores desta corrente, a violência e o desvio provêm de qualidades que são inatas aos indivíduos. Para Lombroso (1870) alguns indivíduos evidenciavam características atávicas de espécies anteriores em termos de desenvolvimento, tendendo a actuar de uma forma considerada socialmente menos normativa (citado por Mendo, Rodríguez & Macias, 2004). Sheldon (1949) distinguiu três tipos de estrutura física humana, afirmando que um deles (os musculosos e activos, designados por mesomorfos) estava directamente associado com a violência (citado por Mendo, Rodríguez & Macias, 2004). Mendo et al. (2004) apresentam uma revisão de estudos que defendem explicações biológicas (Sanmartín, estudos das características cerebrais dos indivíduos que são violentos); teorias psicobiológicas (centram-se mais no conceito de agressividade e no carácter inato desta para explicar a violência: Szegal, 1985; Kazdin, 1985; Rutter & Giller, 1983; Espinet, 1991); e teorias psicológicas de personalidade (procuram explicações para a violência dentro do indivíduo, nos tipos de personalidade: Eysenck, 1964; Baumeister, Smart & Bodem, 1996).

As teorias de natureza biológica ou psicobiológica, embora forneçam dados importantes sobre a influência dos factores puramente biológicos para a conduta delinquente, descuram o peso de outros factores como sejam a personalidade, a aprendizagem ou a interacção com os outros e o ambiente. Embora as teorias baseadas em aspectos individuais apontem factores que contribuem para a acção violenta, não se pode dizer que estes aspectos sejam os determinantes únicos, nem mais relevantes, para que se produza irremediavelmente a conduta em si (Mendo et al., 2004). De entre as teorias biológicas e inatistas, destacamos, pela sua maior abrangência e importância para o debate académico, as teorias do instinto e a da frustração-agressão.

Originalmente propostas por Freud (1925, citado por Wihe, 1998), as teorias do instinto assumem que a agressividade é uma reacção inata e natural em todos os indivíduos, tendo evoluído até ao seu estado presente através de uma luta pela sobrevivência, sobretudo em relação ao território (Lorenz, 1966, citado por Wihe, 1998). Segundo esta posição teórica, a agressividade gera-se nos seres humanos e deve ser libertada. Esta libertação, ou catarse, pode ser levada a cabo através de canais inaceitáveis (comportamento criminoso) ou aceitáveis (actividade física) (Lorenz, 1966, citado por Wihe, 1998).

O conceito de frustração levando a uma reacção de agressividade foi estudado e desenvolvido por um grupo de psicólogos de Yale (Dollard, Doob, Miller, Mower & Sears, 1939, citados por Wihe, 1998). A princípio, esta hipótese defendia que qualquer contrariedade a um comportamento direccionado para um determinado objectivo resultaria em frustração,

tendo como resultado inevitável uma reacção agressiva. Esta hipótese foi modificada por Berkowitz (1978, citado por Wihe, 1998) que lhe adicionou duas condições para que a frustração leve à agressividade: a oportunidade para a acção agressiva e a presença de estímulos apropriados, como a ira, por exemplo.

2. TEORIAS PSICOSSOCIAIS

De um modo diferente do das teorias anteriormente descritas, a Psicologia Social postula que o contexto social e ambiental determina em grande medida as condutas violentas dos sujeitos. Existem na Psicologia Social, diferentes teorias e modelos que ajudam a descrever e explicar as condutas violentas em geral e podem ser úteis para explicar as condutas violentas que se produzem em vários contextos.

2.1. TEORIA DA APRENDIZAGEM SOCIAL

Bandura (1977) tem sustentado consideravelmente a posição da aprendizagem social que encara a agressividade como um padrão de resposta que é aprendido através de reforço e de modelagem. Concretamente, o observador aprende qual o nível de sucesso atingido por determinado modelo de agressividade e se o comportamento desse modelo de agressividade foi punido ou recompensado. Assim, o observador fica a conhecer, não só o acto agressivo em si, mas também em que circunstâncias esse acto agressivo é elogiado ou penalizado.

Bandura afirma que os actos extremamente violentos não podem ser espontâneos (logo, não são inatos), mas precisam de ser aprendidos e treinados para que sejam executados. São aprendidos lentamente e necessitam de modelos que os pratiquem (família, pares ou ídolos), que demonstrem tipos de acções que são recompensadoras ou passíveis de punição. A aprendizagem da agressividade através de modelagem (aprendizagem vicariante) concretiza-se pela actuação quatro processos interligados: a) o sujeito deve estar atento às pistas que estão disponíveis; b) deve codificar as observações, para que sejam representadas na memória; c) as representações são transformadas em padrões de imitação de comportamento e d) estão presentes incentivos adequados à implementação do que foi assimilado (Bandura, 1983, citado em Tedeschi & Felson, 1994). Na selecção do tipo de modelo a ser seguido, intervêm critérios como inteligência e *status*, sendo mais provável que o modelo seleccionado ocupe uma posição mais elevada que a do sujeito na hierarquia social.

2.2. COGNITIVISMO NEO-ASSOCIACIONISTA

Berkowitz (1993) propôs que acontecimentos aversivos como frustrações, provocações, barulhos altos, temperaturas desconfortáveis, e odores desagradáveis produzem afectos negativos. Estes estimulam automaticamente vários pensamentos, memórias, reacções motoras expressivas e respostas fisiológicas associadas com as tendências de luta e fuga. As associações de luta ocasionam sentimentos de raiva, enquanto as associações de fuga ocasionam sentimentos rudimentares de medo. Além disso, a teoria do cognitivismo neo-associacionista assume que as pistas presentes durante um acontecimento aversivo podem associar-se com o acontecimento e com as respostas emocionais e cognitivas por ele despoletadas.

A perspectiva neo-associacionista procura explicar um potencial de agressividade que havia sido previamente abordado a partir da utilização de outros constructos, como a frustração,

oferecendo um mecanismo causal através do conceito de afecto negativo (Anderson & Bushman, 2002). Na concepção de Berkowitz, nem toda a frustração leva necessariamente à expressão do comportamento agressivo, pois nem sempre a frustração apresenta um carácter aversivo, dependendo basicamente de como o sujeito vivencia determinado evento.

Podem ser utilizados, então, dois sistemas de comportamento agressivo: agressão reactiva ou afectiva e agressão instrumental. O primeiro sistema refere-se à reacção agressiva provocada por estímulos aversivos, de tal forma que a agressão consiste na propensão inata para atacar impulsivamente a fonte do estímulo aversivo, ou outro alvo qualquer. Um indivíduo irá expressar menos agressividade logo após ter dado uma resposta agressiva - pois o objectivo de agredir foi atingido, mas isto não o impedirá de ser mais agressivo da próxima vez em que for estimulado (Berkowitz, 1990, citado por Bushman & Anderson, 2001). O componente raiva, neste modelo, actua não como determinante da resposta violenta, mas como um facilitador desta. O estímulo negativo exercido sobre uma pessoa será avaliado por um sistema de cognições associadas e este induzirá-a, com mais ou menos intensidade, dependendo do estímulo, a reagir agressivamente (Berkowitz, 1993). Por outro lado, Berkowitz explora um segundo sistema de comportamento agressivo: a agressão instrumental. Ao invés de uma reacção, trata-se aqui de um comportamento apreendido com o objectivo de alcançar recompensas e evitar punições. Embora o sistema de agressão instrumental se estabeleça a partir do sistema anterior é o sistema de agressão reactiva impulsiva o mais significativo na compreensão da agressão nos seres humanos (Tedeschi & Felson, 1994).

Bushman e Anderson (2001) consideram que os processos cognitivos envolvidos no acto agressivo estão presentes na forma de mecanismos semelhantes tanto na agressão reactiva quanto na instrumental (embora os objectivos sejam diferenciados), indicando que a distinção deve ser estabelecida em relação aos objectivos imediatos e últimos do comportamento. Especificamente, estes autores propõem que a dicotomia entre os dois sistemas seja abandonada, favorecendo assim a formulação de modelos teóricos inovadores que, na concepção dos autores, representariam uma segunda geração de paradigmas.

2.3. PROCESSAMENTO DA INFORMAÇÃO SOCIAL

A utilização de modelos de processamento de informação na explicação do comportamento social foi sobretudo apresentada por Dodge e Coie (1987, citado por Kristensen, Lima, Ferlin, Flores & Hackmann, 2003). Inicialmente foi formulada tendo em vista o ajustamento social em crianças a partir de quatro processos mentais: a) codificação das pistas situacionais, b) representação e interpretação dessas pistas, c) procura mental de possíveis respostas à situação e d) selecção de uma resposta (Dodge & Coie, 1987, citado por Kristensen et al, 2003).

Segundo Dodge (1986, 1991, citado por Almeida, 2006), na origem de diferentes tipos de agressão estão défices de processamento. De acordo com o autor, a atribuição de uma intencionalidade negativa ao outro, quer em resultado de erros de percepção quer de insuficiências na percepção dos estímulos, desencadeia ou pode predispor a uma resposta agressiva e a uma reacção hostil de contra-ataque. De igual modo, a previsão de benefícios ou o antecipar de obtenção de algum objectivo social ou material pode originar a manifestação de comportamentos agressivos, ao relegar para segundo plano a possibilidade de concertação de perspectivas ou de distribuição de ganhos (Almeida, 2006).

Enquanto a abordagem de Dodge e colegas se focalizou basicamente nas percepções e atribuições do indivíduo, Huesmann propôs uma abordagem mais detalhada e específica

do processamento da informação social (Anderson & Bushman, 2002). Huesmann (1986, 1998, citado por Anderson & Bushman, 2002) sugere que quando as crianças observam violência nos *media* aprendem *scripts* mentais agressivos. Os *scripts* mentais definem situações e orientam comportamentos: a pessoa primeiro selecciona um *script* para representar a situação e então assume um papel nesse *script*. Uma vez aprendido o *script*, ele pode ser recuperado a qualquer altura e utilizado como indicador para o comportamento.

Os *scripts* são conjuntos de conceitos memorizados particularmente bem ensaiados e altamente associados, frequentemente envolvendo ligações causais, objectivos e planos de acção (Abelson, 1981, Schank & Abelson 1977, citados por Anderson & Bushman, 2002). Quando os itens estão tão fortemente ligados que formam um *script*, tornam-se um conceito unitário na memória semântica. Além disso, mesmo poucos ensaios do *script* podem mudar as expectativas e intenções de uma pessoa no que diz respeito a comportamentos sociais importantes (Anderson, 1983; Anderson & Godfrey, 1987; Mars et al., 1998, citados por Anderson & Bushman, 2002). Estas cognições desenvolvem-se na infância e, uma vez cristalizadas, podem tornar-se resistentes à mudança.

No modelo unificado de Huesmann (1998, citado por Kristensen et al, 2003), o processamento de informação social envolve quatro partes: a) a percepção de hostilidade frente a situações ambíguas; b) a aquisição, permanência e recuperação de *scripts* e esquemas mentais para o comportamento social; c) a avaliação e selecção do *script*, o qual uma vez activado, poderá ser ou não utilizado, caso seja avaliado negativamente; e d) a interpretação que o indivíduo faz das respostas oferecidas pelo ambiente às suas acções, que influenciará a permanência ou não do *script*, uma vez que nem sempre o sujeito irá atribuir, por exemplo, uma resposta negativa da sociedade directamente ao acto agressivo que cometeu.

2.4. INTERACCIONISMO SOCIAL

Tedeschi e Felson (1994), apresentam a perspectiva do interaccionismo social. Estes autores consideram que o essencial é compreender porque razão as pessoas escolhem produzir comportamentos agressivos, designados pelos autores como acções coercivas. Nesta perspectiva o indivíduo analisa meios alternativos para chegar a um de três objectivos: a) controlar o comportamento de outros indivíduos, b) repor a justiça ou c) assegurar e proteger identidades. Na procura destes objectivos, o indivíduo tem as suas escolhas direccionadas pelas recompensas, custos e probabilidades de resultados esperados (Anderson & Bushman, 2002).

Definindo-se agressão como a intenção de causar dano, torna-se necessário clarificar o termo 'intenção', o qual é bastante impreciso. Nesta abordagem, intenção é definida no contexto de tomada de decisões, referindo-se a um valor associado à acção escolhida. Logo, temos um objectivo (ou resultado imediato) que é a submissão; relacionado com outro objectivo final, denominado motivo. Assim, mesmo a agressão reactiva pode ter um objectivo racional subjacente, como punir o provocador no intuito de diminuir futuras provocações (Anderson & Bushman, 2002).

Por outro lado, a agressão hostil pode ter algum objectivo racional por detrás, como seja punir o provocador de forma a reduzir a probabilidade de provocações futuras. Esta teoria fornece um excelente instrumento para a compreensão das recentes descobertas que dão conta que a violência surge nos indivíduos que têm uma auto-estima elevada, pessoas com conceitos muito positivos delas mesmas as quais, em certas circunstâncias, são mais

propensas a cometer actos de violência que aqueles que têm auto-conceitos moderados ou negativos (Baumeister, Smart & Bodem, 1996, citados por Mendo et al, 2004; Bushman & Baumeister 1998, citados por Anderson & Bushman, 2002).

2.5. MODELO GERAL DA AGRESSÃO BASEADO EM ESTRUTURAS DO CONHECIMENTO

O modelo geral de agressão (Anderson & Bushman, 2002; Bushman & Anderson, 2001) caracteriza uma das mais recentes tentativas de integração teórica sobre a agressão humana. Nos fundamentos deste modelo (cf. Figura 1) encontramos estruturas de conhecimento para percepção, interpretação, tomada de decisão e acção. São enfatizados especificamente três subtipos de estruturas: esquemas perceptuais, esquemas pessoais e *scripts* comportamentais. Estas estruturas, que se desenvolvem a partir da experiência dos sujeitos, acabam por influenciar as percepções em diferentes níveis. Na medida em que vão sendo utilizadas, tendem a tornar-se automatizadas, mantendo-se associadas a estados afectivos e orientando a resposta comportamental do sujeito face às solicitações ambientais (Anderson & Bushman, 2002).

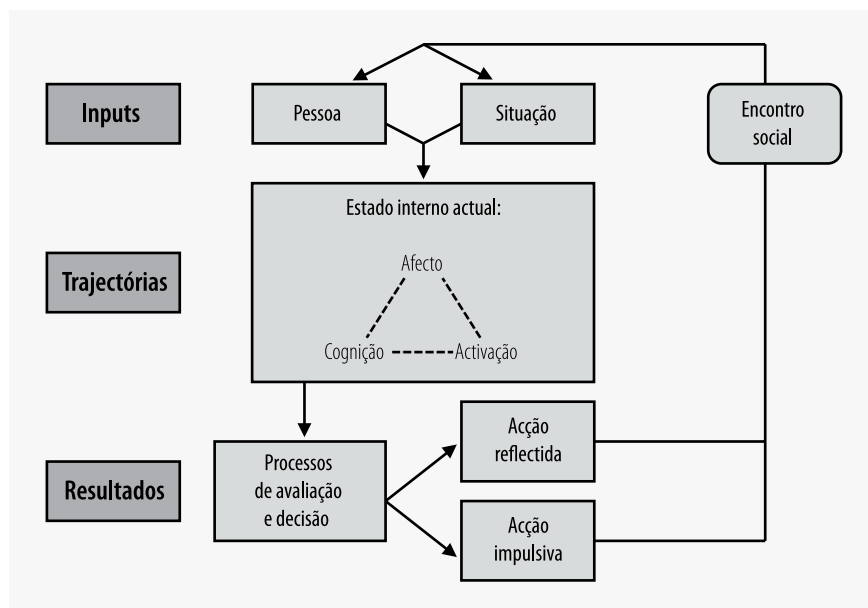


Figura 1 - Processos episódicos do modelo geral de agressão, traduzido de Anderson e Bushman (2002).

O modelo geral de agressão baseado em estruturas do conhecimento pode ser empregue na compreensão de actos agressivos que envolvam múltiplos motivos, servindo, então, como uma tentativa de ligação entre a agressão instrumental e a reactiva (Bushman & Anderson, 2001). Como se pode ver na figura 1, três aspectos são centrais neste modelo: a) *inputs* referentes à pessoa (traços, género, crenças, atitudes, valores, objectivos e *scripts*) e à situação ('deixas' agressivas, incentivos, frustração, provocação, drogas, e dor e desconforto), b) trajetórias do estado interno actual (afecto, cognição, activação) e c) resultados decor-

rentes dos processos de avaliação (imediate ou automática e secundária ou controlada) e decisão. Este modelo assume um carácter cíclico evidente no facto de os resultados finais do processo de decisão servirem como *inputs* a um próximo episódio.

Anderson e Bushman (2002) referem, ainda, a existência de várias outras características da agressão humana que devem ser explicadas com sucesso pelo modelo geral. A oportunidade (ou a situação social), o ignorar das inibições presentes em todos os indivíduos, as motivações partilhadas, o papel desempenhado pela raiva, são características que os autores consideram encaixar nos pressupostos do modelo que apresentam e na estrutura de conhecimento subjacente.

CONCLUSÃO

Neste artigo não nos propusemos fazer uma análise pormenorizada das diversas teorias sobre a agressão, nem tão pouco optar por uma explicação particular, para não incorrer em interpretações redutoras. A opção foi apresentar as teorias consideradas mais relevantes, situando-as em duas grandes categorias: as teorias biológicas e inatistas e as teorias psicossociais.

As perspectivas inatistas focam a perspectiva do sujeito e entendem a agressão como um distúrbio da personalidade que põe em evidência instintos destrutivos; como uma reacção impulsiva, quase fisiológica, à dor, seja esta real, recordada ou imaginada; como reacção perante um impedimento ou uma barreira (real ou atribuída) a conseguir algo desejado; ou, então, como uma forma de libertar tensão acumulada ou uma reacção catártica.

As teorias psicossociais consideram a agressão um comportamento aprendido através do reforço e da modelagem; uma resposta à frustração pela presença de afectos negativos; um resultado de défices de processamento que levam à atribuição de intencionalidade negativa ao outro e, consequentemente, à activação de *scripts* condicionantes desse tipo de resposta; ou uma escolha direccionada para recompensas, custos e probabilidades de resultados esperados.

O modelo geral apresentado por Bushman e Anderson enuncia uma explicação que assume um carácter cíclico manifesto no facto de os resultados finais do processo de decisão servirem como *inputs* a um próximo episódio, numa dinâmica que envolve os *inputs* referentes à pessoa e à situação, o estado interno e os resultados decorrentes dos processos de avaliação e decisão.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, A. M. T. (2006). Para além das tendências normativas: o que aprendemos com o estudo dos maus-tratos entre pares. In: *Psychologica*, 43, pp. 79-104.
- ANDERSON, C. A. & BUSHMAN, B. J. (2002). Human aggression. In: *Annual Review of Psychology*, 53, pp. 27-51.
- BANDURA, A. (1977). *Social Learning Theory*. New York, General Learning Press.
- BERKOWITZ, L. (1993) *Agression: its causes, consequences and control*. Boston, MacGraw Hill.
- BUSHMAN, B. J. & ANDERSON, C. A. (2001). Is it time to pull the plug on the hostile versus instrumental aggression dichotomy? In: *Psychological Review*, 108, pp. 273-279.

- KRISTENSEN, C. H., LIMA, J. S., FERLIN, M., FLORES, R. Z., HACKMANN, P. H. (2003) Factores etiológicos da agressão física: uma revisão teórica. *In: Estudos de psicologia (Natal)*, 8 (1), pp. 275-279.
- MENDO, A. H., RODRÍGUEZ, J. M. & MACIAS, M. I. (2004). Debate conceptual abierto: violencia y deporte. *In: Revista Digital - Buenos Aires*. [Em linha]. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd70/violen.htm> [Consultado em 10/06/2007].
- TEDESCHI, J. T., & FELSON, R. B. (1994). *Violence, aggression, and coercive actions*. Washington, American Psychological Association.
- WIEHE, V. R. (1998) *Understanding family violence, treating and preventing partner, child, sibling and elder abuse*. London, Sage Publications.